

**XV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU**

Desafios da Gestão Universitária no Século XXI

Mar del Plata – Argentina

2, 3 e 4 de dezembro de 2015

ISBN: 978-85-68618-01-1

**IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO PROJETO
EMPREENDEDORISMO NAS RENDAS DE BILRO****JOANA STELZER**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

joana.stelzer@ufsc.br**EVERTON DAS NEVES GONÇALVES**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

evertong@vetorial.net**ALANA MARIA CARIOCA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

alana_ya09@hotmail.com**JORDANA MARIA RAMOS CARDOSO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

jordana.cardoso.adm@gmail.com**MARILDA TODESCAT**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

marildat@gmail.com**PATRÍCIA BATTISTI**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

patriciabattisti@gmail.com**RESUMO**

A extensão universitária, como um dos pilares do ambiente acadêmico se apresenta de forma indissociável da pesquisa e do ensino. Esse tripé, no qual está embasado o conjunto das atividades que, essencialmente, compõem o conceito da universidade, apesar de ser alvo de críticas e proposições, tem demonstrado ao longo dos anos a sua importância e a sua contribuição, resultando, assim, na produção e disseminação de conhecimento por meio da interação Universidade – Comunidade. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo avaliar o impacto do projeto de extensão Ilha Rendada, na vida pessoal, profissional e na comunidade das mulheres rendeiras que fazem parte dele. Para tal, foram aplicadas entrevistas estruturadas às participantes dos quatro polos contemplados pelo projeto, sendo elas escolhidas aleatoriamente e totalizando uma amostra de 20 rendeiras. Consequentemente, a metodologia adotada caracteriza-se como estudo de caso, com a utilização de métodos mistos. A partir da análise dos dados coletados, verificou-se que a grande maioria das entrevistadas consideram que o projeto teve um impacto positivo na vida profissional e na comunidade delas. Ainda, 90% afirmam que o projeto lhes deu autonomia nas ações para o desenvolvimento das suas atividades futuras.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Sociedade. Projeto Ilha Rendada. Renda de Bilro.

1 INTRODUÇÃO

A principal função de uma universidade é compartilhar os conhecimentos necessários para o desenvolvimento de novos profissionais. Adicionalmente, a universidade deve cumprir o papel de facilitadora da produção de novos conhecimentos, responsáveis pela interpretação de fatos e informações, incorporando aspectos contextuais ao seu redor (SOARES, 2003).

O tripé pesquisa, ensino e extensão sendo as bases que sustentam o conceito da universidade, possibilitam essa interação social entre as diversas esferas da sociedade civil permitindo que estudantes e pesquisadores, representando o meio acadêmico, estabeleçam relações entre a instituição e a população (HENNINGTON, 2005).

A aproximação da academia com a sociedade ocorre mediante as atividades de extensão, cujo propósito central reside na integração acadêmica com as comunidades no seu entorno. A prática se consolida, ainda, na troca de experiências, funcionando como uma via de duas mãos, na qual o corpo universitário e a sociedade trocam experiências que possibilitam ganhos em ambas as partes (NUNES e SILVA, 2011).

De um lado, a academia tem a oportunidade de disseminar o conhecimento que detém, beneficiando a comunidade e, do outro, produz novos conhecimento a partir da realidade local, propiciando o confronto da teoria com o mundo real de necessidades e demandas sociais.

Assim, utilizando o atual documento que trata da Política Nacional de Extensão Universitária, elaborada no Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, de 2012 e o Edital PROEXT 2015, que convoca as instituições Federais, Estaduais e Municipais de ensino superior a apresentarem propostas de desenvolvimento de programas e projetos no âmbito da extensão universitária, a pesquisa tomou por base alguns dos critérios elencados nestes dois documentos para a realização do estudo.

Por conseguinte, o objetivo geral do presente artigo é o de verificar o impacto do projeto Ilha Rendada (originalmente, denominado: Empreendedorismo nas Rendas de Bilro: A Formação de Competências e Comércio Justo para as Mulheres Rendeiras da Ilha de Santa Catarina), enquanto projeto de extensão, no seu público – alvo: as rendeiras de bilro de Florianópolis. Para atingir esse objetivo, as seguintes etapas se concretizaram: a) Fazer um levantamento da importância da extensão universitária; b) Verificar se os critérios estabelecidos no PNext e no Edital Proext 2015 foram atendidos; c) Descrever o projeto e seus objetivos; d) verificar a contribuição do projeto nas atividades das rendeiras de bilro, por meio da percepção das rendeiras.

2 UNIVERSIDADE, EXTENSÃO E SOCIEDADE

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 prevê que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família. Visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, o preparo para o exercício da cidadania e a sua qualificação para o trabalho, as universidades obedecem ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (HENNINGTON, 2005).

2.1 HISTÓRICO DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A universidade enquanto instituição social possui um caráter inovador inquietador e revolucionário. Elas foram criadas no Brasil com o objetivo de atender às necessidades do País, estando sempre associadas ao desenvolvimento econômico, social, cultural e político (NUNES e SILVA, 2011). Dessa maneira, para a transmissão e produção de novos

conhecimentos, a adoção de uma postura integrativa entre a universidade e a sociedade se fez necessária, introduzindo assim, o conceito de extensão universitária.

A prática das atividades de extensão no Brasil remonta ao início do século XX, considerado período próximo ao da criação do ensino superior (FORPROEX, 2012). As primeiras manifestações foram visualizadas nos cursos e conferências realizados na antiga universidade de São Paulo em 1911 e nos serviços prestados pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa em 1920, sendo influenciados pela Inglaterra e os Estados Unidos, respectivamente.

A extensão universitária, no Brasil, está presente desde a legislação de 1931 que, mediante o Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, estabeleceu as bases do sistema universitário brasileiro. Contudo, o processo de institucionalização da extensão universitária continua incompleto não só no Brasil (DE PAULA, 2013). No início dos anos 60, com os movimentos culturais e políticos promovidos por estudantes universitários reunidos na União Nacional dos Estudantes (UNE), foi perceptível a demonstração de compromisso social e a busca de uma atuação interprofissional, por meio de metodologias que possibilitavam a reflexão sobre a prática.

De Paula (2013) afirma que foi na Universidade de Recife, por intermédio do serviço de extensão universitária, dirigido por Paulo Freire, que se manifestou com clareza a efetiva integração da universidade, da extensão universitária, às grandes questões nacionais, ampliando, assim, o que já vinha sendo feito pelos estudantes com a luta pela reforma universitária. Ainda, segundo o autor, é com Paulo Freire que a universidade descobre e desenvolve instrumentos que a aproximam dos setores populares.

A extensão universitária no Brasil, se considerada em conjunto e numa perspectiva cronológica, pode ser vista como tendo três grandes etapas: 1) a anterior a 1964, cuja centralidade foi dada pela campanha pela escola pública e pela aproximação com o movimento das reformas de base, tendo Paulo Freire como referência; 2) Etapa que vai de 1964 a 1985, marcada pela emergência e demandas dos movimentos sociais e urbanos; 3) Período pós-ditadura, caracterizada pelas demandas decorrentes do avanço dos movimentos da época, a emergência de novos sujeitos e direitos, ampliando o conceito de cidadania e as demandas do setor produtivo nas áreas da tecnologia e a prestação de serviços (DE PAULA, 2013).

A criação do Fórum de Pró-reitores da Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), em 1987, foi decisivo na construção da política extensionista que vigora até hoje, incluindo nesse rol a conceptualização da extensão, a construção de instrumentos de avaliação e acompanhamento de ações na área, a efetiva institucionalização da extensão como indissociável na atuação universitária e intermediando na definição das políticas públicas de fomento à extensão. Inegavelmente, os avanços em relação a esse assunto devem-se em muito a FORPROEX.

2.2 CONCEITOS E PERCEPÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O Plano Nacional de Extensão Universitária – Pnext (2015), define a extensão como processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e sociedade.

Contudo, a atividade extensionista apresenta uma diversidade conceitual, sendo encarada por diversas óticas. Mesquita Filho (1997) as reúne de modo simplificador em cinco categorias, a saber: a extensão como curso, prestação de serviços, complemento, instrumento remediador e por fim, como instrumento político-social.

Destarte, o papel da extensão foi discutido sob as várias perspectivas que se apresentaram. Inicialmente, era vista como um simples curso oferecido à população, passando

a ser encarada como uma prestação de serviços sociais (linha adotada pelos EUA). Em seguida foi entendida como atividade filantrópica ou uma relação e comunicação entre a universidade e a comunidade, outrora tratada como atividade complementar e como uma compensação às falhas de ensino regular e, por último, como instrumento institucional utilizado para manter a ordem (HENNINGTON, 2005).

A percepção acerca do papel da extensão universitária tem oscilado entre três principais vertentes. A primeira consiste na linha assistencialista. A segunda assume o papel de mediadora entre a instituição e a sociedade e, por último a de agente transformador, envolvido diretamente nas discussões de políticas e nas práticas sociais.

De toda maneira, as diferentes abordagens e suas peculiaridades não serão tratadas com profundidade por não ser este o foco que o trabalho pretende discorrer. Assim, adotando o conceito expresso no Plano Nacional de Extensão Universitária na vigência do PNE 2011-2020, a extensão é entendida como uma atividade acadêmica que articula o ensino e a pesquisa e viabiliza a relação entre a universidade e a sociedade (PNext, 2015).

Para Nunes e Silva (2011), entende-se a atividade de extensão com uma espécie de relação permanente entre a instituição e os diversos setores da sociedade. Inegavelmente, a universidade, através da extensão, influencia e também é influenciada pela comunidade, ou seja, há uma troca de valores entre ela e o meio (SILVA, 1997). As atividades se complementam, uma vez que funciona como uma mão dupla, possibilitando a geração de novos conhecimentos, na qual ambos aprendem o saber do outro.

Goulart (2004) complementa afirmando que a extensão é uma grande área em que se pode produzir o conhecimento, considerando que é um mecanismo da aprendizagem. Por intermédio de projetos sociais, há uma socialização de saberes, momento na qual a universidade disponibiliza seus serviços, exercendo sua responsabilidade social e cumprindo com a sua missão.

Nunes e Silva (2011) defendem, ainda, que a extensão - enquanto forma de estabelecer uma relação entre os diversos sujeitos - é imprescindível para a formação de cidadãos comprometidos com a realidade social. Por isso, a extensão deve atuar como um elo entre a universidade e a sociedade, sobretudo nos segmentos menos favorecidos.

Ao passo que a extensão possibilita a democratização do saber acadêmico, há também o processo inverso na qual esse conhecimento retorna para a universidade testado e reelaborado, dada a operacionalização entre a teoria e a prática.

Importante destacar nesse ponto, que o conhecimento não mais se restringe apenas à minoria das pessoas aprovadas nos concursos de vestibular, mas, atinge a toda população e comunidade, sendo difundido pelos programas e projetos de extensão (SILVA, 1997).

Nesse sentido, verifica-se que o conhecimento extrapola os muros acadêmicos. A universidade deixa de ser somente o local para repasse de conhecimento formal aos seus alunos. Questões culturais e valores ganham espaço e são caminhos condizentes para a transformação social almejada pelos projetos de extensão e, principalmente, pela instituição cuja função é de produzir conhecimento social cientificamente relevante, tornando-o acessível a todos (BOTOMÉ, 2001).

2.3 PNEXT E O EDITAL PROEXT 2015

A Política Nacional de Extensão Universitária (PNext, 2012) baseada, originalmente, no Plano Nacional de Extensão Universitária, de 1999, dentre outras atribuições, elenca os diversos objetivos a serem alcançados e as diretrizes para a realização dos projetos de extensão. Destacam-se os seguintes objetivos nas quais o Projeto Ilha Rendada se enquadra:

- a) Estimular atividades de Extensão cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da Universidade e da sociedade;
- b) Priorizar práticas voltadas para o atendimento de necessidades sociais (por exemplo, habitação, produção de alimentos, geração de emprego, redistribuição da renda), relacionadas com as áreas de Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Trabalho;
- c) Considerar as atividades voltadas para o desenvolvimento, produção e preservação cultural e artística como relevantes para a afirmação do caráter nacional e de suas manifestações regionais;
- d) Estimular a educação ambiental e o desenvolvimento sustentável como componentes da atividade extensionista;
- e) Valorizar os programas de extensão interinstitucionais, sob a forma de consórcios, redes ou parcerias, e as atividades voltadas para o intercâmbio e a solidariedade.
- f) Comprometimento da universidade com os espaços geográficos nos quais atua por meio da extensão. (PNext, 2012).

Quanto ao Edital PROEXT (2015), foi utilizado para orientar as questões que compuseram o roteiro da entrevista aplicada às rendeiras de bilro. As perguntas foram elaboradas a partir do item 'Relação com a Sociedade', cujos critérios são:

- a) Impacto social, pela ação de superação dos problemas sociais, contribuição à inclusão de grupos sociais, ao desenvolvimento de meios e processos de produção, inovação e transferência de conhecimento e à ampliação de oportunidades educacionais, facilitando o acesso ao processo de formação e de qualificação;
- b) Relação multilateral com os outros setores da sociedade, pela interação do conhecimento e experiência acumulados na academia com o saber popular e pela articulação com organizações de outros setores da sociedade, com vistas ao desenvolvimento de sistemas de parcerias interinstitucionais;
- c) Contribuição na formulação, implementação e acompanhamento das políticas públicas prioritárias ao desenvolvimento regional e nacional;
- d) Atendimento à comunidade ou setor, com vistas à futura autonomia das ações. (PROEXT, 2015)

3 METODOLOGIA

Ventura (2007) afirma que toda pesquisa de caráter científica necessita, inicialmente da definição do objeto a ser estudado bem como a delimitação do universo de pesquisa. Dada a proposta desse estudo e tendo as rendeiras de bilro de Florianópolis, participantes do projeto ilha rendada como objeto de pesquisa, a metodologia adotada caracteriza-se como um estudo de caso.

Enquanto método mais comumente utilizado nas ciências sociais, o estudo de caso é considerado um tipo de análise qualitativa. Corroborando com essa visão, Bressan (2000) afirma que é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, objetivando esclarecer ou evidenciar a fronteira entre o fenômeno e o contexto sendo empregado para organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado.

Ainda, para Bryman e Bell (2004), o estudo de caso configura-se como uma intensiva análise de um caso específico. O foco principal deste projeto de pesquisa é a complexidade e a natureza particular do caso em questão e pode ser utilizada tanto a abordagem quantitativa, a qualitativa, ou ambas em conjunto.

Nesse sentido, visando atingir aos objetivos estabelecidos, a pesquisa utilizou métodos mistos, tanto quantitativo quanto qualitativo. A pesquisa qualitativa é conceituada por Creswell (2010) como um meio para explorar e entender o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano, tendo seu relatório final apresentado de forma flexível.

Em contrapartida, a pesquisa quantitativa é apresentada em um relatório final com estrutura fixa e é conceituada como um meio para testar teorias objetivas, examinando a relação entre variáveis. Tais variáveis são mensuráveis tipicamente por instrumentos para que os dados numéricos sejam analisados através de procedimentos estatísticos. Por sua vez, a pesquisa de métodos mistos utiliza-se das duas abordagens em conjunto (CRESWELL, 2010).

Quanto à coleta de dados para o estudo de caso, foram obtidos por meio de entrevista estruturada, com perguntas fechadas. Sobre isso Martins e Theóphilo (2009) afirmam que trata-se de uma técnica de pesquisa para coleta de informações, dados e evidências tendo como objetivo básico entender e compreender o significado que entrevistados atribuem a questões e situações em contextos que não foram estruturados anteriormente.

Portanto, a metodologia adotada buscou ser condizente com os objetivos propostos tendo como universo da pesquisa vinte mulheres rendeiras de Bilro em Florianópolis, oriundas de quatro polos participantes do Projeto Ilha Rendada.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 O PROJETO ILHA RENDADA

Para o PROEXT (2015), um projeto de extensão é o conjunto de ações processuais contínuas de caráter educativo, social, cultural ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado.

Posto isso, o projeto Ilha Rendada é uma iniciativa proposta pela Fundação de Pesquisas Socioeconômicas (FEPESE), contemplada na seleção Pública do Programa Petrobrás Desenvolvimento e Cidadania, de 2012, na área de empoderamento das mulheres.

Desde então, o projeto cujo nome original é “Empreendedorismo nas Rendas de Bilro: formação de competências e comércio justo para as mulheres rendeiras da Ilha de Santa Catarina” iniciou as atividades de planejamento no segundo semestre de 2013 para, no ano seguinte, pôr em prática as atividades com as rendeiras de sete localidades de Florianópolis, distribuídas em quatro polos de atuação.

As mulheres participantes do projeto assistem a aulas presenciais que visam capacitá-las para as atividades empreendedoras inerentes à atividade da comercialização das rendas produzidas artesanalmente, uma vez que a linha adotada pelo programa é a empoderamento de mulheres.

Dentre os objetivos do projeto, destaca-se a promoção do comércio local e venda internacional das rendas de bilro, a valorização cultural e a inserção da atividade produtiva das rendeiras no comércio justo, além da participação em feiras estrangeiras, tendo o prazo de dois anos para sua execução.

4.2 A RENDA E AS RENDEIRAS

A renda de bilro em Florianópolis é datada do século XVII, sendo trazida por imigrantes, vindos dos açores em 1748. Ela representou uma vital fonte de renda nas comunidades pesqueiras, que ainda preservam a identidade de base açoriana (WENDHAUSEN, 2011).

A técnica de rendar utilizando o bilro consiste no cruzamento sucessivo de fios de algodão com a utilização de um molde ou pique (papelaõ onde está o desenho da renda impresso a partir de furos). É utilizado fundamentalmente o bilro que são bobinas roliças de madeira ao qual o fio é enrolado e alfinetes para evitar que o desenho desmanche (FIGUEIREDOS, et al., 2014).

A confecção da renda de bilro, naquela época, representava a forma como as mulheres garantiam a manutenção básica do lar, mediante o trabalho artesanal, enquanto os cônjuges passavam longos períodos em alto-mar. Além de fonte de renda complementar, a atividade também era encarada como um “passatempo”. As mulheres se reuniam em rodas de cantoria e em meio à confecção da renda, dividiam as angústias e a saudade em forma de versos para a canção (WENDHAUSEN, 2011), demonstrando o espírito de união e solidariedade umas com as outras.

A renda de bilro é uma referência cultural da ilha de Florianópolis. A cidade reúne o maior número de rendeiras do Sul do Brasil que estão distribuídas em diversas partes da ilha, embora a Lagoa da Conceição seja a maior referência no assunto (FIGUEIREDOS et al., 2014). Atualmente, as rendeiras permanecem em plena atividade, mantendo viva a tradição da cultura açoriana e lidando com os desafios em relação à precariedade no escoamento da produção. Wendhausen (2011) identifica este como sendo o maior problema enfrentado por elas.

4.3 IMPORTÂNCIA DO PROJETO ILHA RENDADA ENQUANTO ATIVIDADE DE EXTENSÃO

As entrevistas foram realizadas com vinte rendeiras, escolhidas de forma aleatória, dos quatro polos contemplados pelo projeto: Sambaqui e Praia do Forte, Lagoa da conceição e Rio Vermelho, Pântano do Sul e Armação e Ponta das Canas. A média da faixa etária das entrevistadas é de sessenta e sete anos de idade. Em sua maioria, as entrevistadas iniciaram a atividade com a renda de bilro aos sete anos de idade, com o objetivo de auxiliar na compra do material escolar.

A entrevista consistiu, em perguntas fechadas, baseadas no Edital Proext (2015), tendo como objetivo primordial, verificar qual a percepção delas sobre o impacto do projeto nas atividades profissionais e na comunidade, onde na Tabela 1, é possível a visualização dos resultados.

Tabela 1: Resultado geral da pesquisa

Nº	QUESTÃO	SIM %	NÃO %	NÃO SABE %
1	Houve algum impacto decorrente do projeto na vida profissional ou da comunidade?	85	15	
2	Houve transferência de conhecimento ou ampliação de oportunidade educacional, facilitando a qualificação?	95	5	
3	O projeto permitiu articulação com outras organizações de outros setores da sociedade?	45	55	
4	Houve contribuição do projeto na formulação ou acompanhamento de políticas públicas?	10	65	25
5	O projeto permitiu autonomia das suas ações no futuro?	90	10	
6	De que modo?	Aprendizado		

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores (2015).

Com relação à primeira pergunta, verificou-se que 85% das entrevistadas acreditam que o projeto tenha impactado positivamente a vida profissional e da comunidade na qual elas estão inseridas.

A grande maioria afirmou, também, que ao participar do projeto houve a transferência de conhecimento e a ampliação de oportunidades educacionais, o que facilitou a qualificação das entrevistadas. Ou seja, por meio do projeto, foi possível a socialização do conhecimento onde há o processo de compartilhamento de experiências e, a partir daí, da criação do conhecimento tácito, como habilidades técnicas compartilhadas.

Quanto aos itens 3 e 4, as rendeiras acreditam que o projeto não tenha permitido alguma articulação com outros setores da sociedade e que não tenha alcançado a formulação ou acompanhamento de políticas públicas. As percentagens foram de 55 e 65%, respectivamente.

Nota-se que, quase todas as entrevistadas afirmaram que o projeto lhes proporcionou base para o desenvolvimento da autonomia de ações futuras, autonomia esta que proporcionará maior desempenho por meio do aprendizado e da motivação para a continuação das atividades com a renda de bilro, sem a presença do projeto.

Cabe destacar que, na sexta e última questão, por ser aberta, surgiram diversas respostas da maneira pela qual o projeto permitiu a autonomia às rendeiras. As respostas mais comuns foram: 1) Contato com maior número de rendeiras, o que possibilita a troca de informações e experiências; 2) Aprendizagem sobre negociação, vendas e qualidade nas peças; 3) Melhoria na comunicação, e no relacionamento com o público; 4) Abertura de novos horizontes por meio da trocas de experiências relacionadas as viagens ao exterior e, por fim 5) A motivação e a união proporcionadas pelo projeto.

5 CONCLUSÃO

Os avanços alcançados pela união da pesquisa, ensino e da extensão são visíveis enquanto dimensões constitutivas da universidade. A Instituição, por sua vez, cumpre com seu papel ao dialogar com a sociedade, tentando responder às demandas e às expectativas dela. Sob outra dimensão, a Instituição de Ensino Superior mesma aprende com a sociedade e desenvolve novos conhecimentos.

Apesar de as diversas correntes conceituais sobre o tema, um fato verificado na presente pesquisa refere-se ao impacto ocasionado pelo projeto Ilha Rendada, enquanto projeto de extensão universitária, na comunidade rendeira de Florianópolis.

Verificou-se que grande parte das entrevistadas acreditam que o projeto trouxe reflexos positivos tanto na vida pessoal, profissional quanto na influência que teve sobre a comunidade rendeira. Ainda, inegavelmente, a troca de experiências e a geração de conhecimento se fez presente no âmbito do projeto com o seu público-alvo, uma vez que possibilitou que as rendeiras tivessem contato com o ambiente e o saber acadêmico.

Portanto, conforme a revisão literária aponta para algumas lacunas na extensão, seja em aspectos conceituais, seja em aspectos práticos, o fato é que, atualmente, ela tem promovido as transformações sociais almejadas a partir da ideia inicial na qual foi concebida, cujo propósito central continua sendo a de aproximar o saber acadêmico à realidade local, democratizando-o de forma que esteja ao alcance de toda a sociedade e não se restrinja aos muros acadêmicos.

REFERÊNCIAS

BRESSAN, F. O método de estudo de caso. **Revista FECAP** - Administração On Line: Prática, Pesquisa, Ensino, v. 1, n. 1, jan/mar. 2000. Disponível em: http://www.fecap.br/adm_online/art11/flavio.htm. Acesso em 17/08/2015.

BRYMAN, A.; BELL, E. Business Research Methods. OUP Oxford. 2004.
BOTOMÉ, S. P.; Sobre a noção de comportamento. In: FELTES, H. P. de M.; ZILLES, U. (Orgs.) **Filosofia -diálogo de horizontes**. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 685-708.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto. 3º Ed. – Porto Alegre – RS. Artmed, 2010.
DE PAULA, J. A. A extensão universitária: história, conceitos e propostas. Interfaces - **Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013

FIGUEIREDOS, W.; MACHADO, C. H.; WENDHAUSEN, M. A. M. **Desde o tempo da pomboca – renda de bilro de Florianópolis**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2014.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus /AM: Maio, 2012. Disponível em: http://www.renex.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=45&Itemid=20. Acesso em 29/08/2015.

GOULART, A. T. A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento da sua visão crítica. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 60-73, 1º sem., 2004. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte>. Acesso em 22/08/2015.

HENNINGTON, E. A. Acolhimento com prática de interdisciplinar num programa de extensão universitária. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21(1): 256-265, jan/fev, 2005.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas, 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.
MESQUITA FILHO, A. Integração ensino-pesquisa - extensão. **Revista Integração: Ensino, Pesquisa, Extensão**. São Paulo, v. 3, n. 9, p.138-43, maio1997.

MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C. B. Ensino, pesquisa e extensão: um exercício de indissociabilidade na Pós-Graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, nº 41, maio/agosto, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n41/v14n41a06.pdf>. Acesso em 23/08/2015.

NUNES, A. L. P. F.; SILVA, M. B. C. A extensão no ensino superior e a sociedade. **Mal – Estar e Sociedade**, ano IV, n. 7 – Barbacena, julho/dezembro 2011, p. 119 – 133. Disponível em: <http://www.uemg.br/openjournal/index.php/malestar/article/view/60>. Acesso em 27/08/2015.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – PNEExt. **Plano**. Disponível em: <http://www.naea.ufpa.br/naea/novosite/menu/331> Acesso em 03/09/2015.

PROEXT, MEC - EDITAL PROEXT 2015. Programa de Extensão Universitária MEC/ SESu. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=490id=12243option=com_contentview=article> Acesso em 14/08/2015.

SILVA, O. da. O que é extensão universitária. **Revista Integração: Ensino, Pesquisa e Extensão**. São Paulo, v. 3, n. 9, p. 148-149, maio 1997. Disponível em: <http://www.usjt.br/prppg/revista/>. Acesso em 27/08/2015.

SOARES, V. L. A. O papel social das IES: contribuição do ensino superior particular. **Revista do Centro de Estudos Sociais Aplicados**, Belém, n. 6, p. 8, out. 2003.

VENTURA, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SOCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, setembro/outubro, 2007. Disponível em: http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/rev_2009.asp. Acesso em 03/09/2015.

WENDHAUSEN, M. A. M. **Rendas de bilro de Florianópolis**. Rio de Janeiro, IPHAN, CNFCP, 2011.